BOM DIA FURG 16.12.1991

Rio Grande, 16 de dezembro de 1991. O Bom Dia, FURG! de hoje é um programa especial. Vamos falar sobre museus.

Estão conosco no estúdio, hoje, a Iara Madeira e a Beatriz Caldeira. Elas são museólogas, pertencem ao Museu Histórico Nacional, localizado no Rio de Janeiro, e vieram, na semana passada, visitar o Museu Oceanográfico de Rio Grande. A Iara Madeira trabalha na parte de exposição do Museu Histórico Nacional e a Beatriz Caldeira, na parte de pesquisa.

Em primeiro lugar, bom dia às duas. E como é que foi? Quais são os objetivos dessa visita que vocês realizaram ao Museu Oceanográfico de Rio Grande? Inicialmente, nós viemos a convite do reitor e do diretor do museu, Lauro Barcelos, para termos uma semana de encontros de trabalho em que estávamos trocando experiências entre o trabalho realizado aqui e o nosso trabalho realizado no Rio, de forma a se ver as possibilidades de uma ampliação das atividades do Museu Oceanográfico. E como é que vocês sentiram o Museu Oceanográfico? A Beatriz já conhecia o museu, não é? E a Iara conheceu nesta semana.

Como é que vocês sentiram? Como está a exposição? Como está o relacionamento dele com a comunidade? É a terceira vez que eu venho a Rio Grande e que passo pelo Museu Oceanográfico, só que dessa vez uma coisa mais demorada, mais tranquila. E cada vez que eu venho, eu fico bastante impressionada, porque é um museu muito dinâmico e que a comunidade participa ativamente. Tanto a gente sente a parte de escolas, turistas, pessoas da cidade indo ao museu diariamente, como também a parte de apoio que é dado pelas empresas, todos cooperando com o museu, inclusive a parte de solicitação que a comunidade faz.

A gente vê desde o pescador ao cientista recorrendo ao museu, levando material, e isso é uma coisa muito boa, porque essa troca é extremamente gratificante para quem trabalha no museu e útil e boa para a comunidade. Então fica essa relação entre comunidade e museu, uma coisa que mantém a instituição viva permanentemente. Isso é muito bom e a gente gosta de ver.

Isso é o que a gente pretende em qualquer museu, museu vivo. Veja bem, o que a gente pôde perceber foi basicamente, como a Beatriz falou, inclusive a potencialidade do Museu Oceanográfico, o potencial que ele tem para crescer. Ele pode crescer não só na sua estrutura de física e tudo mais, mas também no crescimento das suas atividades, preparar coisas novas que cada vez mais o aproximem do público que o visita e atraia novos visitantes.

Ele tem a potencialidade de receber como tem a potencialidade de sair, de ir ao encontro. Durante essa semana toda, nós trabalhamos em cima de vários planos, justamente visando essa extensão de atividades, a abordagem de novos temas, como ele pode cada vez mais se integrar à vida da cidade. Já há uma integração bastante forte.

Isso, inclusive, é um privilégio para nós podermos ver isto de perto, porque trabalhando num

grande museu de âmbito nacional, esse tipo de movimento, comunidade, museu, fica um pouco distanciado da gente. E aqui a gente pôde perceber como isso é profícuo, e também como isso é uma questão de gestão e administração, visão das pessoas que, digamos assim, confiam no museu e sabem que o museu pode crescer, e a gestão efetiva da direção que dá uma total abertura para ele. A gente percebeu que essa gestão muito ativa e que entrosa muitas vezes com pouco recurso e tudo mais, faz o entrosamento de todas as disponibilidades e consegue fazer um trabalho que estamos achando da melhor qualidade e da maior eficiência.

Quer dizer que o nosso Museu Oceanográfico está perfeitamente integrado aos padrões da nova museologia, da museologia moderna? Perfeitamente. Principalmente naquilo que a gente acredita que seja a função do museu no ano 2000, que é o museu como uma real função social. O museu tem que deixar de ser o necrotério dos objetos, o museu é um lugar em que as coisas estão vivas, estão acontecendo, não é uma igreja, não tem que ser um espaço sacralizado, tem que se rir, tem que se falar, tem que se discutir, tem que polemizar.

Essa é a função do museu. Se ele não prestar serviço da comunidade em que ele está, eu acho que não há sentido na sua existência. Eu acho que ele só sobrevive assim.

E, de modo geral, principalmente aqui no Brasil, está muito difícil de mudar essa ideia que se tem de museu? Como é que estão os nossos museus no modo geral? Está difícil. É bastante difícil, principalmente porque custa. A museologia é uma ciência nova.

Ela é nova e está, como toda ciência nova, ela está crescendo, ela se modifica, ela está ainda em construção, vamos dizer assim. Então, até a gente mudar essa ideia e precisa de recursos, museus precisam de recursos porque é através do trabalho educativo do museu, é através das exposições que a gente vai conseguindo, com o tempo, mudar essa mentalidade. Então, está muito difícil.

A gente precisa de apoio para poder construir, trabalhar, para poder mudar essa ideia. Por isso, também, o intercâmbio com a comunidade é importantíssimo. Tem outra vertente também da museologia moderna, que a gente considera que é a questão de resgate de acervos, de coleções, que, às vezes, você vê grandes museus, não estou falando, caso museu cenográfico, grandes museus, por exemplo, o Museu Histórico Nacional.

A gente tem uma coleção imensa, muito bem documentada, século XVIII, século XIX. Quando chega no século XX, está faltando dez anos para o século XX acabar e nós não resgatamos praticamente nada, justamente pela falta de apoio, pela falta de recursos para esse resgate. Então, você, em breve, vai ter lacunas nesses objetos que são testemunho de um ontem, talvez, muito recente, mas que, para futuras gerações, já não será tão recente assim.

Então, tem que se ter uma ação efetiva nesse resgate, não só nesse resgate, como também na devolução do conhecimento que parte desses objetos, uma vez que essa devolução vai fazer

com que as pessoas entrem no processo de reflexão e possam atuar na sua realidade. É muito difícil, então, contar a história recente do nosso país, por exemplo? É, muito difícil. Porque de onde vem? Por exemplo, te dando um exemplo bem concreto, para a gente não ficar falando muito assim numa linguagem de museu, se a gente quiser hoje mostrar como era uma casa na década de 50, 60, que é aquele período do pé-palito, aqueles móveis brancos com aqueles pés-palito, é muito difícil, porque você já não encontra... Por exemplo, você encontra uma mesa, uma cadeira, um abajur, mas você não encontra para reconstituir um ambiente.

Quer dizer, então, hoje, uma peça da década de 50, ela constitui um objeto museológico, porque foi um período muito característico, foi aquela época em que todo mundo jogou tudo o que tinha fora em casa e comprou aquela mesa, que a gente chama mesa rim, e trocou os móveis todos, jogou coisas que tinham boas fora, porque virou moda. E foi uma coisa que durou muito pouco tempo, durou cerca de dez anos. Então, isso é importante resgatar, porque uma criança de 12 anos, 15 até hoje, um adolescente, não conhece, não viveu esse período, não conhece o que é aquele tipo de mobiliário.

Então, é difícil de resgatar, não existe. Então, as pessoas precisam ir se conscientizando disso, que hoje, por exemplo, uma sacola até de uma loja é um objeto museológico, porque ela vai ser um testemunho para o futuro. De uma época.

Mudando um pouco do museu histórico para o museu de ciência, eventos, coisas de programas que foram desenvolvidos há dez, quinze, vinte anos atrás, esse material tem que ser resgatado e documentado para que não se perca, e para que sirva de base de pesquisa para as futuras gerações que estão vindo aí. Meu Deus, o que aconteceu em determinada época? Como foi feito isso? Como era? O que restou? Não está preservado? Não, eu acho que a gente tem que começar a se preocupar seriamente em preservar esse passado muito recente. Existe uma frase que se diz seguidamente, principalmente quando se fala em política, que o brasileiro não tem memória.

No setor de museologia, se verifica isso mais claramente. Muito claramente. Muito claramente.

E por que isso? De onde vem isso? Na opinião de você. Eu acho que é a falta da consciência de preservação. A falta da consciência de preservação.

Da importância de que determinados objetos... É necessário preservar tanto a documentação histórica, a documentação científica, como também as espécies, como também a natureza. É o sentido de manter a nossa qualidade de vida. A Beatriz acabou de citar o caso dos móveis, do pé-palito dos anos 50.

Como é que dá para as pessoas reconhecerem, como é que dá para as exposições prestarem o serviço, chegarem até as pessoas, serem eficientes no seu objetivo? Para isso, a gente trabalha com o que a gente chama de linguagem museológica e museográfica, técnica museográfica. A gente contextualiza esses objetos. O que quer dizer isso? Isso quer dizer que o objeto não fica

solto, ele é envolvido num contexto.

A gente tem que mostrar, através da exposição, como ele funcionava, como ele tem que tornar esse objeto o mais vivo possível dentro da exposição. Então, é importantíssimo isso, para que o objeto não fique solto. Não adianta eu mostrar aquela peça sozinha, ou aquele, no caso aqui do Museu Oceanográfico, embora eu não entenda nada de oceanografia, nem de moluscos, nada disso, mas ele, eu mostrar, por exemplo, um camarão, não adianta nada.

Eu tenho que dizer de onde ele vem, onde ele é, onde ele é criado, quais são as regiões que tem mais. Então, tem que contextualizar para que o público entenda. Tem que colocar no contexto.

Nesse contexto, fica muito importante, fica explicitada bem a importância da pesquisa, seja ela científica, histórica. Isso, da pesquisa e da atividade museológica. Porque é diferente.

A pesquisa, ela fornece... Elas se interligam. Tanto que, no museu, a gente trabalha diversos tipos de profissionais. Não é só, por exemplo, no caso aqui do Museu Oceanográfico, não é só o oceanólogo.

Existem os museólogos, historiadores, programadores visuais, arquitetos, vários tipos de profissionais que trabalham em museus. Evidentemente que voltando à sua técnica, utilizando os seus conhecimentos da sua área para o museu. Então, cada um deles... Normalmente, o museólogo é que faz essa função de integração.

Porque, no caso, ele traduz para a linguagem museológica aquele material fornecido pelo pesquisador. Dentro da tradução dessa linguagem museológica, surge outro papel, que é o papel da museografia, que é aquilo que coloca essa linguagem museológica de uma forma agradável ao visitante. Uma exposição tem uma obrigação de ser uma experiência, digamos, bastante agradável a todos os sentidos.

Quanto mais os sentidos das pessoas ela puder apelar, não só a visão, não só a questão da audição, mas a questão do tato, do perfume, do cheiro. Ela apela, ela trabalha com os cinco sentidos da pessoa, que aí ela consegue realmente chegar. A exposição tem que ser uma coisa bonita, tem que ser uma coisa atrativa, uma coisa leve, para que realmente ela funcione.

Para encerrar essa visita de vocês, serviu de intercâmbio. Estou achando que vocês trouxeram consultoria e estão levando mais alguma coisa também. Eu acho que foi muitíssimo importante, não só para o Museu Histórico Nacional, a gente ter vindo aqui.

A gente está levando uma visão de uma parte do país, de como está a museologia aqui no Rio Grande do Sul. Acredito que também a gente está levando uma excelente experiência do dinamismo, uma visão do dinamismo das pessoas e da visão aberta, como no caso do reitor, do professor Orlando Fernandes, que possibilitou essa visita e que dá todo o apoio ao Museu Oceanográfico, como da gestão do Lauro, que eu considero uma das gestões mais capazes que

existe. Muito obrigada pelas suas participações.

Eu gostaria de agradecer essa chance de ter vindo pela terceira vez aqui ao Rio Grande, ver todo esse trabalho, agradecer ao reitor, ao meu amigo Lauro Barcelos, e que a gente continue, que é o que a gente mais precisa e a melhor forma para a gente crescer é essa, essa troca de experiência, a troca de intercâmbio. E a vocês também, pela oportunidade que estão dando de a gente conversar aqui um pouquinho. Eu acho que tenho que agradecer, então, em nome de toda a comunidade riograndina.

Muito obrigada pela participação da Iara Madeira e da Beatriz Caldeira, museóloga do Museu Histórico Nacional. Bom dia, FURG! Está encerrando por aqui e retorna amanhã.